



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social**

**Sub-eixo: Trabalho, questão social e serviço social – fundamentos**

## **SERVIÇO SOCIAL COMO TRABALHO E PROCESSOS DE TRABALHO DO E NO SERVIÇO SOCIAL: PERSPECTIVAS EM DEBATE.**

**IVANA REGINA BASTOS MONTEIRO<sup>1</sup>**

**FERNANDO GONÇALVES FERREIRA GONÇALVES FERREIRA<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

A proposta deste artigo constitui-se em fazer um breve excuro sobre o tema do *trabalho fundante, trabalho concreto e abstrato: a generalidade do trabalho e a sua especificidade no capitalismo*, para, a partir desse excuro, analisar o trabalho como categoria ontológica na gênese do Ser Social e a especificidade que a atividade transformadora da natureza assume no capitalismo. Esta primeira escolha parte da necessidade de entender as diferentes abstrações que Karl Marx imprime sobre a categoria trabalho em sua obra, visando fundamentar posteriormente a escolha que assumimos no debate teórico de apreender o Serviço Social como trabalho e conseqüentemente como *processo de trabalho*. Num segundo momento, buscamos compreender *como e por que* o setor de serviços vem assumindo um lugar de destaque na sociabilidade burguesa por um lado, e como Marx apreendeu a *produção de mais-valor* na esfera dos serviços, inscrita na reprodução ampliada do capital, o que corrobora a necessidade de uma análise que parta da compreensão que tome o setor de serviços como parte determinante na produção do valor. No terceiro momento, apontaremos as diferentes compreensões sobre a categoria processo de trabalho e a relação com o Serviço Social. Para esta tarefa elencamos dois autores, Teixeira e Granemann. A questão proposta por nós neste trabalho é: “É trabalho apenas a transformação da natureza pelo homem ou pode, a partir da crítica da economia política encetada por Marx, propor-se que o crescente Setor de Serviço seja compreendido como trabalho sem romper com a tradição? Por conseguinte, seria um equívoco propor a categoria de processo de trabalho do/no Serviço Social, mantendo-se intactos os fundamentos da mesma tradição?”.

**Palavras-chave:** trabalho; processo de trabalho; serviço social

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

## ABSTRACT

The purpose of this article is to make a brief excursion into the the of founding work, concrete and abstract work: the generality of work and its specificity in capitalism, in order to, based on this excursion, analyze work as an ontological category in the genesis of the Social Being and the specificity that the activity transforming nature assumes in capitalism. This first choice comes from the need to understand the different abstractions that Karl Marx imposes on the category of work in his texts, aiming to subsequently substantiate the choica we made in theoretical debate of apprehending Social Service as work and consequently as a process of work. Secondly, we seek to understand how and why the service sector has assumed a prominent place in bourgeois sociability on one hand, and how Marx apprehended the production of surplus value in the sphere of services, inscribed in the expanded reproduction of capital, the which corroborates the need for an analysis that starts from an understanding that takes the services sector as a determining part in the production of value. In the third moment, we will point out the different understandings of the work process category and the relationship with Social Service. For this task we chose two authors, Teixeira and Granemann. The question proposed by us in this work is: "Is work simply the transformation of nature by man or can, based on the critique of political economy initiated by Marx, it be proposed that the growing Service Sector be understood as work without breaking with the tradition? Therefore, would it be a mistake to propose the category of work process of/in Social Service, keeping the foundations of the same tradition intact?"

**Keywords:** work; work process; Social Service.

### **Trabalho fundante, trabalho concreto e abstrato: A generalidade do trabalho e a sua especificidade no capitalismo.**

Por justificação histórica é preciso dizer que a compreensão de trabalho enquanto categoria central na produção da vida humana é cunhada por G.W.F.Hegel. Este, destaca o trabalho como categoria que permite o *ser a fazer* a primeira forma de transição ao espírito<sup>3</sup>. Ainda no plano de análises filosóficas mais abstratas, Hegel aponta na sua *Filosofia do Direito* que é a

---

<sup>3</sup> György Lukács aponta em sua Ontologia que "Embora tendo provocado muita confusão com a ampliação do conceito de teleologia, Hegel, apesar disso, compreendeu corretamente, muito cedo, esse caráter do trabalho" LUCÁKS 2013. p. 54.)



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

partir do trabalho que os seres humanos suprem suas *carências particularizadas* e mesmo estando na esfera da sociedade civil, o trabalho constitui “a compreensão de relações complicadas e universais, etc. É a cultura do espírito em geral e também da linguagem” (HEGEL, pg. 177).

Seguindo a mesma linha lógica, mas já num plano menos abstrato, Hegel aponta que a universalidade do trabalho se liga a uma abstração que é produto da especificação da produção e da divisão do trabalho, aumentando o processo produtivo. Em suas palavras:

Pela divisão, o trabalho do indivíduo torna-se mais simples, aumentando a sua aptidão para o trabalho abstrato bem como a quantidade da sua produção. Esta abstração das aptidões e dos meios completa, ao mesmo tempo, a dependência mútua dos homens para a satisfação das outras carências, assim se estabelecendo uma necessidade total (HEGEL, 1977 pg. 178).

O autor da Filosofia do Direito esboça, *in limine*, as duas principais características da categoria trabalho: o seu caráter ontológico e fundante por um lado, e a condição abstrata que assume na forma social capitalista. Aqui, também ficam claros os apontamentos de Hegel sobre o *trabalho como processo* quando indica *a dependência mútua dos homens para a satisfação das outras carências*. Contudo, enquanto indivíduo de seu tempo, Hegel não poderia derivar da abstração do trabalho as determinações ontonegativas que este assumiria no capitalismo a partir do desenvolvimento das forças produtivas sob as relações sociais fetichizadas na modernidade. Esta tarefa ficou a cargo de outro autor, como veremos adiante. Antes disso, é necessário determo-nos mais um instante sobre a dimensão fundante do trabalho na formação do ser social.

O trabalho (atividade) enquanto categoria ontológica, *fundante* do ser social, *intercâmbio eterno entre o homem e a natureza*, etc. em muito se difere do caráter que assume a atividade produtiva na sociabilidade burguesa, mesmo que em alguns casos o operário lide com a transformação da natureza, o trabalho no capitalismo não pode, nem poderia se limitar a este caso. E isto recebe total luminescência na obra de Marx.

É na obra deste autor que a categoria trabalho recebe um tratamento especial. A primeira dimensão do trabalho e sua importância na formação e gênese humana é amplamente analisada no livro primeiro d'O Capital<sup>4</sup>. Ao falar sobre diferença entre os seres humanos e as abelhas, aponta o primeiro como sendo o único grupo capaz de antever o produto do seu trabalho, o único com a capacidade *teleológica*, da prévia ideação do produto antes mesmo da sua exteriorização.

---

<sup>4</sup> Em obras anteriores o autor já debatia esta dimensão. Para citar outro, apontamos os “Manuscritos Econômico-filosóficos”.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Esta dimensão do trabalho é amplamente debatida nas elaborações teóricas do último Lukács em sua monumental Ontologia do Ser Social. O autor aponta a importância do complexo<sup>5</sup> do trabalho e da causalidade posta para o salto do ser natural orgânico ao ser social. A transformação da natureza operada social e conscientemente pelo ser humano foi o ato que desencadeou, em maior ou menor medida, todos os outros processos na formação humana. Segundo o filósofo húngaro:

Desse modo é enunciada a categoria ontológica central do trabalho: através dele realiza-se, no âmbito do ser material, um pôr teleológico enquanto surgimento de uma nova objetividade. Assim, o trabalho se torna o modelo de toda práxis social, na qual, com efeito – mesmo que através de mediações às vezes muito complexas –, sempre se realizam pores teleológicos, última análise, de ordem material. [...] Precisamente a consideração das diferenças bastante importantes mostra a afinidade essencialmente ontológica, pois exatamente nessas diferenças se revela que o trabalho pode servir de modelo para compreender os outros pores socioteleológicos, já que, quanto ao ser, ele é sua forma originária. (LUKÁCS, 2013, pg. 47)

Esta dimensão (fundante) do trabalho está intrinsecamente associada a produção de valores de uso, isto é, aos produtos que, no intercâmbio material do homem com a natureza satisfaçam-se necessidades humanas. A religião, a política, a ideologia, a estética e a ética são complexos que se estruturam a partir do complexo do trabalho e só são possíveis ao ser social pela primazia do trabalho. Ou seja, ainda que os demais complexos tenham certa autonomia relativa frente ao trabalho, este último, enquanto complexo fundante, preserva uma relação de primazia frente aos outros complexos. A vida social é uma totalidade que se constitui como um complexo de complexos e que articula de forma orgânica esferas da produção e reprodução. Tais dimensões da vida social (os complexos de complexos) só podem ser compreendidas a partir da relação ontológica e autodeterminada que preservam com o trabalho. E nesse sentido, sem o complexo do trabalho, tal compreensão não atinge o patamar da totalidade. Ou seja, para uma compreensão ontológica do ser social precisa-se partir sempre da própria determinação do Ser enquanto Ser. E este é o lugar que o trabalho ocupa no salto ontológico do ser natural ao ser social.

No entanto, na totalidade de sua obra, Marx não reduz sua análise a produção dos valores de uso como sendo apenas expressões do intercâmbio do ser social com a natureza. Ao contrário, aponta no capítulo primeiro d'O capital que as mercadorias (forma particular da riqueza no capitalismo) *satisfazem necessidades do estômago e da fantasia*, contendo em si a relação

---

<sup>5</sup> Lukács apresenta a categoria de complexo da seguinte forma: “O homem é em si um complexo, no sentido biológico; mas como complexo humano não pode ser decomposto; por isso, se quero compreender os fenômenos sociais, devo considerar a sociedade, desde o princípio, como um complexo composto de complexos” (Lukács, 2014, p. 28)



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

inextrincável entre trabalho concreto e trabalho abstrato, valor de uso e valor. Neste caso, supondo que *fantasia* esteja representando as necessidades do *espírito*, pode-se acreditar que Marx está apontando para as mercadorias não necessariamente materiais, fruto da transformação da natureza, ou seja, as satisfações das necessidades humanas não estão reduzidas ao trabalho que transforma a natureza, podendo ser material ou intelectual. É só a partir da resolução dessa pseudo-contradição que se pode compreender 1) por que Serviço Social é trabalho e 2) por que precisa ser apreendido a partir da categoria de processo de trabalho.

### **Transformações societárias, o Setor de Serviços e o lugar do Serviço Social.**

É larga a bibliografia que se propõe a analisar o capitalismo atual. Mesmo no interior da tradição marxista, a documentação que se propõe a esta tarefa é mastodônica. No entanto, é correto admitir que seja consensual, no interior desta tradição, que vivemos a fase monopolista – ou como apontou Lênin, imperialista – da sociabilidade burguesa<sup>6</sup>. É também consensual que o Serviço Social tem sua gênese a partir da constituição dessa fase<sup>7</sup>. Neste tópico, abordaremos as determinações mais gerais do capitalismo na fase dos monopólios e os impactos que ele exerce no processo de trabalho, a ampliação do setor de serviços e o lugar que o Serviço Social ocupa neste processo.

O que hoje conhecemos como setor de serviços não reconheceu um desenvolvimento considerável no século XIX<sup>8</sup>. Mesmo assim, este setor não passou despercebido nas análises de Marx. Ainda que não tivesse o mesmo peso do setor industrial em suas análises, Marx analisa o lugar que os serviços ocupam no interior da produção e a sua capacidade de produzir valor.

Lenin aborda o imperialismo como sendo a fase onde a concentração e centralização de capitais se expressam em patamares que superam a concorrência simples entre pequenas e grandes empresas, isto é, de um momento onde a acumulação se expressa com uma verdadeira constituição de monopólios. Neste momento, a hegemonia do grande capital sob a forma de capital financeiro dita a dinâmica da totalidade da acumulação capitalista. O Estado amplia a sua função interventiva na economia, fortalece a dimensão consensual, sem perder de vista a sua

<sup>6</sup> Para uma análise sobre o tema ver; Hilferding, O capital financeiro, 1985; Lenin, Imperialismo, estágio superior do capitalismo, 2012; Sweezy, Teoria do desenvolvimento capitalista, 1983; Mandel, O capitalismo tardio 1985; Netto, Capitalismo monopolista serviço social, 2011.

<sup>7</sup> Sobre esse assunto, ver Netto em “Capitalismo Monopolista e Serviço Social”.

<sup>8</sup> “Em suma: os trabalhos que só se desfrutam como serviços não se transformam em produtos separáveis dos trabalhadores – e, portanto, existem independentemente deles como mercadorias autônomas – ainda que se os possa explorar de maneira *capitalista*, constituem magnitudes insignificantes se comparados com o volume da produção capitalista.” (MARX, 1978, p. 76, grifo do autor).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

função coercitiva. É neste contexto que se amplia o setor de serviços e surge a instituição Serviço Social.

Ao analisar a esfera dos serviços, na esteira da crítica de Marx, pode-se dizer que esta é expressão da *divisão social do trabalho*. A troca de serviços por dinheiro, por sua vez, não representa uma relação social pautada no valor. É a troca de uma mercadoria por outra<sup>9</sup>.

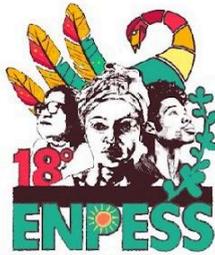
Só a partir de dado momento na história da humanidade, onde as *forças produtivas do trabalho* são desenvolvidas a ponto de as necessidades não diretamente ligadas à esfera da produção material se submeterem à lógica da mercadoria, isto é, onde as relações sociais são cada vez mais subsumidas às relações de mercado, é que o *Setor de Serviços* surge como possibilidade de valorização do valor. A educação, por exemplo, que antes ficava a cargo das famílias, constitui-se agora como mercadoria vendida pela escola. Os trabalhos antes improdutivos tornam-se paulatinamente produtivos na medida em que as relações sociais são submetidas à lógica do capital<sup>10</sup>. Marx já apontara para este movimento ao analisar a lei geral da acumulação capitalista, quando indica que tanto um produto como um *serviço* estão submetidos à lei absoluta da busca do valor pelo capital. O autor aponta, no capítulo XXIII do livro primeiro d'O Capital que:

A força de trabalho é comprada, aqui, não para satisfazer, mediante seu *serviço* ou produto, às necessidades pessoais do comprador. O objetivo perseguido por este último é a valorização do seu capital, a produção de mercadorias que contenham mais trabalho do que o que ele paga, ou seja, que contenham uma parcela de valor que nada custa ao comprador e que, ainda assim realiza-se mediante a venda de mercadorias. A produção de mais-valor, ou criação de excedente, é a lei absoluta desse modo de produção. (MARX, 2013. Pg. 695) (Grifos nossos)

Marx aponta que importa ao capital a valorização, seja como produto, forma exteriorizada do trabalho humano na transformação da natureza, ou o *serviço*, quando o produto é a própria realização da força humana de trabalho, isto é, quando a realização é a própria atividade. Nesse sentido, Marx deixa claro que produção e reprodução social, vistos de uma perspectiva de totalidade, se autodeterminam dialeticamente. Não importa se um *serviço* ou um *produto*, quando assumem a forma mercadoria, do ponto de vista do capital o importante é o processo de valorização. No que se refere a este ponto e partindo de uma análise do mesmo capítulo d'O

<sup>9</sup> Ver Grundrisse, Pg. 382.

<sup>10</sup> Para ilustrar esse movimento, Marx, que anteviu esse fenômeno, aponta em seu diálogo com Sr. Proudhon na Miséria da Filosofia: “veio, enfim, o tempo em que tudo aquilo que, outrora, os homens consideravam inalienável tornou-se objeto de troca, de tráfico, podendo alienar-se. Trata-se do tempo em que as próprias coisas que, até então, eram transmitidas, mas jamais trocadas, oferecidas, mas jamais vendidas, conquistadas, mas jamais compradas – virtude, amor, opinião, ciência, consciência etc.-, trata-se do tempo em que tudo, finalmente passa pelo mercado. (Marx, 2009)



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

capital, Sara Granemann aponta que “uma sociedade não pode deixar de produzir como não pode deixar de consumir. Portanto, quando visto como um todo interligado, todo processo de produção é, ao mesmo tempo um processo de reprodução”. (Granemann, 1999. Pg. 156)

Ainda que à época em que Marx viveu o setor de serviços não fosse uma esfera tão desenvolvida, ao analisar a lei geral, o autor lega importantes pistas para entendermos o crescimento desta na fase atual do capitalismo. À luz de Marx pode-se apontar que o crescimento do setor de serviços é também expressão da expulsão de parte do capital variável<sup>11</sup> (com o conseqüente crescimento da superpopulação relativa) da produção frente à incessante revolução tecnológica, traço constitutivo do capitalismo, da lei da concorrência entre os capitais e em última análise da lei geral.

Existe certo receio de uma parcela dos marxistas em considerar tais determinações. O fato de que Marx tenha se detido apenas ao trabalho estritamente proletário no livro primeiro d'O Capital, geralmente sustenta esta hesitação. No entanto, o mesmo autor faz um extenso estudo sobre este tema no Capítulo IV Inédito d'O Capital, analisando o setor de serviços e a sua relação como trabalho produtivo e improdutivo. Vejamos:

Uma cantora que entoava como um passado é um trabalhador improdutivo. Na medida em que vende seu canto, é assalariada ou comerciante. Mas, a mesma cantora, contratada por um empresário, que a faz cantar para ganhar dinheiro, é um trabalhador produtivo, já que produz diretamente capital. Um mestre-escola que é contratado com outros, para valorizar, mediante seu trabalho, o dinheiro do empresário da instituição que trafica com o conhecimento é trabalhador produtivo. (MARX, 1978, pg. 66)

A clivagem, antes bem determinada, entre produção e reprodução é embaciada. Atividades que estão na esfera da reprodução constituem-se agora como trabalho produtivo, quando orientados para a valorização do valor. Produção e reprodução, como já apontamos, devem ser analisadas como um todo contraditório, como uma *unidade na diversidade*.

Do ponto de vista da extração de mais-valor, pouco importa se se produz *mercadoria educação ou bombas atômicas*, importa é que no final da metamorfose, isto é, da realização do ciclo da mercadoria, o valor antes adiantado pelo capital seja valorizado.

Abstraindo, por ora, as contradições teóricas, observa-se que o setor dos serviços apresenta historicamente um crescimento vertiginoso com o advento do taylorismo/fordismo no início do século XX. A forma de controle organizacional da força de trabalho pelo capital e

---

<sup>11</sup> Capital variável é a parte do capital global que o capitalista usa para pagar a força de trabalho. Por sua vez, capital constante é a parte que o capitalista despende para comprar matéria prima, meios de produção, carros, prédios, etc.

produção em larga escala são aspectos determinantes para o aumento das necessidades sociais para além do chão de fábrica como por exemplo.

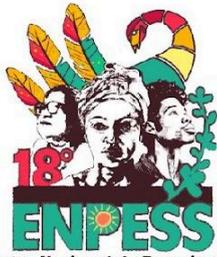
Por sua vez, as políticas públicas figuram no cenário capitalista de forma mais contundente a partir das estratégias de regulação keynesiana como forma de enfrentamento da crise de 1929-1932, concomitantemente como expressão da luta política da classe trabalhadora, o que varia entre as formas de organização entre periferia e centro. Esse processo reserva profundas mediações com a constituição do amadurecimento do setor de serviços (públicos) e o nascimento, por conseguinte, do Serviço Social.

Considerando que uma das dimensões que unifica, no fundo, o trabalhador que transforma a natureza, o trabalhador produtivo e o trabalhador improdutivo, é a capacidade teleológica, podemos dizer que o assistente social é um trabalhador. O assistente social antevê o produto de seu trabalho em sua consciência ao planejá-lo, e, portanto, sua atividade se apresenta como trabalho, resultando em um produto. Sob o ponto de vista do trabalho concreto e da produção de valores de uso, essa assertiva corrobora nossa posição, mas e sob o aspecto do valor? Estando o Serviço Social circunscrito na esfera da reprodução social, podemos dizer que ele gera mais valor? Não necessariamente. Caso o assistente social tenha seu espaço ocupacional no âmbito do Estado (trabalho trocado por renda, no caso do fundo público), seu trabalho é certamente improdutivo. Caso trabalhe para uma empresa capitalista, seu trabalho é produtivo, mas sob algumas condições. Vejamos.

O assistente social, ao trabalhar para uma empresa capitalista, se inscreve na categoria de *trabalhador coletivo*<sup>12</sup>. Do ponto de vista do trabalhador coletivo, se pressupormos que uma das atribuições do assistente social é atuar junto às políticas sociais e às políticas da empresa na garantia do direito à informação sobre os direitos, viabilizando a materialização de tais direitos, podendo atuar também na elaboração das políticas da empresa, etc. na medida em que trabalha junto à reprodução da força de trabalho o assistente social contribui para que as determinações que impedem o trabalhador de trabalhar sejam resolvidas ou amenizadas, para que o trabalhador

---

<sup>12</sup> Sob este aspecto, Marilda Iamamoto (2001, p. 70, grifos da autora) aponta que: Ao se pensar esse trabalho em empresas capitalistas, ele tem um efeito na sociedade do ponto de vista da *produção de valores* ou da riqueza social, ao ser parte de um trabalhador coletivo. O assistente social não produz diretamente a riqueza – valor e mais-valia –, mas é um profissional que é parte de um trabalhador coletivo, fruto de uma combinação de trabalhos especializados na produção, de uma divisão técnica do trabalho. É este trabalho cooperativo que, no seu conjunto, cria as condições necessárias para fazer crescer o capital investido naquela empresa. Caso essa especialização do trabalho não tivesse alguma função a desempenhar no processo de produção, na óptica dos interesses capitalistas, não seria contratada pelo empresário.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

volte ao seu trabalho mais rapidamente, contribuindo para que o mais-valor seja expropriado. Isto quer dizer que o trabalho do assistente social não pode ser abordado de outra forma que não seja a partir da categoria de processo de trabalho. Caso contrário, é improvável que se chegue a esta conclusão.

Para corroborar esta questão, Granemann aponta que:

O assistente social neste processo é tão importante para a garantia da realização do transporte porque, por exemplo, contribui para o exercício do trabalhador gerenciando a creche na qual deixa seus filhos, enquanto transporta pessoas (no caso do motorista); ou, em outro caso, quando participa do treinamento desta força de trabalho. Para enfatizar ainda uma vez: todos eles independentemente de sua atividade e dos resultados parciais desta atividade, da natureza dela – material ou imaterial – estão imersos e são a força de trabalho que *coletivamente* produz a mais-valia, que resulta na valorização do capital. (GRANEMANN, 1999. Pg.160)

A partir das questões levantadas até aqui, pode-se entender como Marx trata a diferença entre o trabalho fundante e o trabalho no capitalismo; como o setor de serviços se inscreve no circuito do valor, a partir da sua realização como mercadoria; o lugar que o Serviço Social se inscreve na relação da produção e reprodução ampliada do capital; os casos nos quais o Serviço Social se apresenta como produtivo/improdutivo; e o assistente social como trabalhador coletivo. Estes temas pontuados até aqui são necessários para a compreensão do debate do processo de trabalho do Serviço Social.

### **Serviço social como trabalho e processos de trabalho do e no Serviço Social: perspectivas em debate.**

O Serviço Social é uma profissão que tem sua origem dentro do sistema capitalista de produção, nascida de uma necessidade do capital de conhecer e controlar a classe trabalhadora. As obras de caridade mantidas pela igreja já tinham uma longa tradição no Brasil, mas é com o surgimento das primeiras grandes unidades industriais que obras e instituições assistenciais ligadas ao clero começam a se multiplicar. Naquele momento o objetivo não era mais só o socorro aos indigentes, mas o atendimento à população afetada pelas sequelas do desenvolvimento capitalista, principalmente de mulheres e crianças. E é no desenvolvimento dessas atividades que se vai fazendo necessária maior capacitação de suas trabalhadoras sociais. Assim, é criado o primeiro Centro de Estudos e Ação Social, e nele o “Curso Intensivo de Formação Social para Moças” em 1932. Em 1936 é fundada a Escola de Serviço Social de São Paulo, a primeira no Brasil.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

A partir da década de 1960 o Serviço Social brasileiro passa por um processo de renovação. Com a implantação da autocracia burguesa no país, novas condições de trabalho são colocadas para a prática do assistente social. Reparemos que em cerca de apenas 30 anos de sua formalização como profissão (a primeira escola de Serviço Social no Brasil data de 1936) o mercado de trabalho se amplia, se impõe e novas exigências são colocadas. A profissão é chamada a se reorganizar, para atender às demandas do mercado, o que fará com que o conjunto de profissionais repensem suas práticas e as bases teóricas que as sustentam.

Como uma profissão forjada no capitalismo, o Serviço Social é demandado por condições histórico-sociais específicas, e seus trabalhadores começam desempenhando um papel executivo em projetos de intervenção cuja funcionalidade real e efetiva está posta por uma lógica e uma estratégia objetivas que independem da intencionalidade do trabalhador. Será o mercado que vai impor a necessidade de uma profissionalização dessa atividade e será novamente esta instância que vai impor uma renovação da profissão diante de novas demandas postas por ela. Mas como trabalhador que antevê o produto de seu trabalho, podemos dizer que o assistente social anteviu esse produto e questionou-o. Enquanto categoria profissional, o Serviço Social buscou descortinar a intencionalidade de sua prática, e vai tentar mudar o sentido e a intenção dessa prática, planejando e tentando influenciar no resultado, no produto, através de seu movimento de renovação.

O debate sobre a categoria *trabalho* a partir da lente marxiana é relativamente novo nos meandros do Serviço Social. Ele data da elaboração de Marilda Iamamoto e Raul de Carvalho com a publicação do livro *Relações Sociais e Serviço Social: esboço de uma interpretação histórica metodológica* em 1982. Desde então, o debate sobre o *processo de trabalho no Serviço Social* vem florescendo no interior da categoria. Iamamoto retoma o tema de maneira mais sistemática em *Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*, onde apresenta a chave da prática profissional como trabalho e a inserção do assistente social em *processos de trabalho*.

Dos nomes que figuram este debate teórico, entre outros, estão o de: Sara Granemann, Ney Luiz Teixeira de Almeida. Compreendendo divergências internas em suas elaborações teóricas, partem uma compreensão do Serviço Social como trabalho inscrito na reprodução ampliada do capital e entendido como *processo de trabalho*.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

É conhecido que os meios simples do processo de trabalho para Marx são “em primeiro lugar, a atividade orientada a um fim, ou o trabalho propriamente dito; em segundo lugar, seu objeto e, em terceiro, seus meios”. (MARX, 2013. Pg. 256)

Especificamente no Serviço Social, os autores abordam esta questão de angulações distintas. Elencamos dois autores para análise dos pontos convergentes e divergentes de suas elaborações.

Almeida (1996), ao analisar os *elementos fundantes do processo de trabalho do serviço social*, aponta que o Serviço Social tem a força de trabalho assentada no assalariamento, o que lhe determina sua condição de classe; *dispões de certos meios de produção*; e *gera um produto*. Ou seja, estão presentes os três elementos simples do processo de trabalho proposto por Marx.

Ao abordar a questão da força de trabalho, Almeida aponta para a necessidade de o assistente social conhecer a *própria produção intelectual* acumulada na profissão, por conseguinte, as determinações históricas que circunscreve a gênese e desenvolvimento tanto da profissão como histórico-sociais e político-econômicas. O instrumental, por sua vez, se apresenta como *instrumental teórico-metodológico para a compreensão e enfrentamento da questão social e suas expressões*; e do produto do trabalho, onde o autor aponta a dificuldade de se precisar este produto, visto que esta dimensão pressupõe um auto reconhecimento do assistente social do significado tanto histórico da profissão, quando do alcance material das suas atividades e respostas ídeo-políticas que este engendra no seu cotidiano de trabalho, gerando assim a possibilidade de auto reconhecer-se no produto do seu trabalho.

Por outro lado, para Granemann (1999), não existe um processo de trabalho do Serviço Social, mas *diferenciados processos de trabalhos*. Aponta que *a matéria prima mais comumente trabalhada é a questão social* e que se apresenta multifacetada nas diversas ‘áreas de atuação’, como infância, juventude, idoso, etc. O arsenal de instrumentos de trabalho que o assistente social usa no seu processo de trabalho específico também varia sobre a requisição pela qual este profissional é requerido, modificando-se por determinação do espaço sócio ocupacional, das escolhas e intencionalidades do assistente social. A autora ainda aponta a necessidade de se conhecer o lugar em que o profissional atuará, isto é, a instituição, apreendendo as relações de poder, etc. Por seu turno, o produto do trabalho do assistente social variará conseqüentemente, dependendo tanto do espaço que ocupa, quanto das atividades que lhe são propostas.

## Conclusão



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

No atual estágio da crise capitalista e a multiplicação de tendências pós-modernas, nos parece necessário o fortalecimento do estudo dos fundamentos do serviço social numa perspectiva crítica. Deste modo, o tema do trabalho profissional continua latente e necessário.

O resgate histórico feito para a elaboração deste artigo nos mostra a maturidade e pluralidade do debate teórico no serviço social sobre o significado histórico da profissão. Esta temática comporta linhas que identificam o serviço social como prática, como práxis e como trabalho (inserido em processos de trabalho), esta última, a vertente a qual nos filiamos intelectualmente.

Assim, a partir do estudo elaborado, foi possível compreender 1) as dimensões e níveis de abstrações que Marx trata a questão do trabalho, 2) o lugar que os serviços tinham em sua época e a magnitude que ocupam hoje, e a importância desse setor na formação global do capital total, 3) o lugar que o Serviço Social ocupa dentro do Setor de Serviços e 4) as diferentes abordagens sobre a categoria processo de trabalho do/no serviço social. Tais constatações comprovam não só a vinculação de tais abordagens a tradição marxista, mas a maturidade alcançada pela profissão no debate teórico.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

#### Bibliografia:

ALEMEIDA, Ney, L.T. Considerações para o exame do processo de trabalho do Serviço Social. In: Serviço Social & Sociedade n° 52, São Paulo: Cortez, 1996.

GRANEMANN Sara. Processos de trabalho e Serviço Social. In: CFESS; ABEPSS, UnB. (Org.). Trabalho, Reprodução Social e Serviço Social. v. 02, 1ª ed. Brasília: CEAD/UnB, 1999.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. Princípios da Filosofia do Direito. - São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Clássicos).

\_\_\_\_\_. O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional. – 5. ed. – São Paulo, Cortez, 2001.

IAMAMOTO, Marilda; CARVALHO, Raul de. Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. – 19 ed. São Paulo, Cortez, [Lima, Peru]: CELATS, 2006.

\_\_\_\_\_. Para uma Ontologia do Ser Social, II. - São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. Conversando com Lukács. São Paulo: Instituto Lukács. 2014. VAISMAN, E. A ideologia e sua determinação ontológica. In: Anuário Lukács (2014). São Paulo: Instituto Lukács. 2014.

MARX, Karl. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. - São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro. Ed; UFRJ, 2011.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

\_\_\_\_\_. Miséria da Filosofia: resposta à Filosofia da Miséria do Sr. Proudhon.- 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2009.

\_\_\_\_\_. O capital: crítica da economia política. - São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. O Capital, Livro I, Capítulo VI (Capítulo inédito), São Paulo, Ciências Humanas, 1978.

MANDEL, Ernst. O capitalismo tardio. - São Paulo, Abril Cultural, 1985.

NETTO, José Paulo. Capitalismo monopolista e Serviço Social. - São Paulo: Cortez, 2011.

SWEEZY, Paul Marlor. Teoria do desenvolvimento capitalista: princípios de economia política marxista. - São Paulo, Abril Cultural, 1983.